

**MIGRANTES BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS: AS NOVAS
TENDÊNCIAS MIGRATÓRIAS PENSADAS ATRAVÉS DA MOBILIDADE DO
TRABALHO E PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO**

Raíssa Ferreira Figueiredo¹
Discente em Geografia na UFRRJ
raissaffigueiredo@hotmail.com

Maria Clara Leadebal Celestino¹
Discente em Geografia na UFRRJ
m.clara1@hotmail.com

RESUMO:

As constantes transformações do mundo contemporâneo e suas dinâmicas de fluxos de mercadorias, informações e finanças, afetaram também os fluxos migratórios. Neste sentido, buscou-se na presente pesquisa entender as novas tendências migratórias do Brasil para os Estados Unidos. Utilizou-se como metodologia, além da revisão bibliográfica, a elaboração e aplicação via internet de formulários abrangentes que permitem abordar uma diversidade de questões relevantes como trabalho, retorno, identidade, uso e ocupação do espaço urbano, entre outros para traçar esse perfil. A partir da tabulação de dados, pode-se analisá-los, produzir um mapeamento e gerar informações que auxiliem na compreensão não só da mobilidade do trabalho, mas desse novo perfil migrante na produção e reprodução do espaço urbano.

Palavras-chave: Perfil Migratório, Mobilidade do Trabalho e Brasileiros nos Estados Unidos.

GT –5: Mobilidade, Migração e Espaço Urbano

¹ Orientadora: Lirian Melchior (Docente do Departamento de Geografia/IA/UFRRJ).

1 INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento do sistema capitalista até a emergência do processo de globalização, o mundo se encontra imerso numa nova dinâmica de fluxos migratórios, financeiros, de mercadoria e de informação. A propaganda midiática sobre a globalização frequentemente leva a concluir que esta é capaz de romper fronteiras, permitindo a atuação do livre mercado nos moldes liberais em escala planetária, onde os fluxos não se realizam apenas dentro do país, ou dos continentes, mas atravessa oceanos e fronteiras, tornando possível a homogeneidade sociocultural, espacial e econômica.

Entretanto, Haesbaert (2013) aponta para o caráter fragmentário do processo de globalização. Percebe-se a contradição no discurso ao se analisar o mundo contemporâneo e ao deparar-se com o abismo da desigualdade social ao compararmos os países do Sul e do Norte, além da feição excludente em si do capitalismo. Robert Kurz (2005) trabalha com a ideia da divisão do mundo globalizado em oásis de produtividade e desertos econômicos, sendo o primeiro atrelado principalmente aos países do Norte, e o segundo aos países do Leste e Sul. Nesse sentido, a intensificação do controle e excessiva militarização das fronteiras e aeroportos é um exemplo de como a dinâmica da globalização de livre fluxo não acontece plenamente, principalmente quando se trata do processo migratório. As restrições são impostas àqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade, em geral, migrantes de países periféricos, principalmente os atravessados por crises políticas, econômicas, étnicas e religiosas. Compreende-se a existência de seletividade no que tange ao perfil do migrante considerado desejável para os oásis de produtividade, que funcionam como atrativos no mundo globalizado. O caráter excludente migratório exposto aponta o tensionamento entre a noção de um todo integrado, mas que continuam lhe reafirmando.

Apesar das dificuldades no ato de migrar, muitas pessoas ainda almejam nesse processo melhores condições de sobrevivência e/ou melhores oportunidade de empregos - o que não encontram em seus países, seja por motivos de guerra, perseguição política e religiosa, desastre natural, crise, etc. Ao chegar ao país receptor, estão expostos a xenofobia, racismo, machismo, precariedade na esfera do trabalho, entre outros problemas que a sua vulnerabilidade social perante àquela sociedade receptora proporciona. Carga horária de trabalho excessiva, baixa remuneração, moradia em bairros violentos, abusos psicológicos e físicos são algumas situações que essas pessoas estão expostas.

Nesse contexto, essa pesquisa possui o objetivo de entender as novas tendências migratórias do Brasil para os Estados Unidos, perpassando o período do governo Lula até o segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff, com o aprofundamento da crise político-econômica deste último, conduzindo um novo perfil social e econômico dessa mão de obra migrante. O descontentamento da classe média tradicional, diante do cenário brasileiro, moldado pela ideologia burguesa disseminada pelas principais redes televisivas do país, fez com que esses brasileiros vissem nos Estados Unidos uma alternativa para manter, ou melhorar, seu padrão de vida. É interessante pensar também que mesmo depois do Impeachment, que seria a dita salvação para o Brasil, os fluxos de migração não cessaram, mostrando uma contradição no discurso.

Além disso, faz-se necessário pensar o migrante além da mobilidade do trabalho, analisando seu papel na produção do espaço, seja na localização, organização ou mesmo vivência da cidade, expandindo a análise para a própria dimensão da reprodução.

2 METODOLOGIA

A metodologia consiste, num primeiro momento, em realizar uma revisão bibliográfica a partir de textos e livros que tenham como base os estudos de Migração Internacional, crise econômica no Brasil no governo Lula e, mais especificamente, Dilma, mobilidade do trabalho, ou que tangenciem esses assuntos, com a perspectiva voltada para a migração brasileira para os Estados Unidos.

A partir dos estudos teóricos e debates, foi construído um questionário para coleta de dados primários. Foi realizado um levantamento das questões que seriam fundamentais para a análise qualitativa dos brasileiros residentes nos Estados Unidos. Perguntas como status empregatício, faixa salarial que recebem por hora, se possuíam mão de obra especializada, entre outras foram consideradas essenciais no recorte e tema da pesquisa. O questionário foi exposto através da plataforma Google, com o “Formulários Google”, e submetido em quatro grupos na plataforma Facebook de migrantes brasileiros no EUA, ou seja, todo o questionário foi trabalhado via internet. Esta metodologia tem se mostrado produtiva para a coleta de dados primários também com residentes em outros países. Desta forma, 49 questionários foram respondidos, o que é um universo pequeno em comparação com a quantidade de brasileiros no país, mas que permite compreender inicialmente, muito além de uma questão estatística, as

experiências destes migrantes. A partir disto, então, foi possível tabular os dados, produzir mapeamentos no software QGis, gerar informações e analisar os relatos obtidos.

Com os resultados das análises dos dados primários, somados a dados disponibilizados pelos Institutos de Pesquisa como o US Census Bureau, Migration Policy, IBGE e o Ministério de Relações Exteriores e as reflexões teóricas estudadas, foram feitas discussões acerca desta mobilidade, suas motivações e consequências.

3 A GLOBALIZAÇÃO E O CARÁTER MIGRATÓRIO

O histórico dos grandes fluxos migratórios ao longo do percurso do sistema capitalista está atrelado a crises de viés econômico, político, ético, religioso entre outros. Antes do contexto de um mundo globalizado, as dinâmicas migratórias se davam em escalas reduzidas, como migração interna em seus países ou regiões. A partir do contexto da industrialização fomentam a prática do êxodo rural, criando fluxos do campo em direção aos centros urbanos. A partir da década de 1970, com o advento da globalização e a emergência do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1994 apud FUSCO, 2013), o mundo passa a ser compreendido como escala de atuação dos fluxos de mercadoria, informação, financeiro e migratório, contudo, esses fluxos têm como ponto de partida os desertos econômicos e como fim os oásis de produtividade (KURZ, 2005). Ou seja, o primeiro refere-se aos países periféricos do mundo, e que são responsáveis pela reprodução, manutenção e acumulação do segundo que fazem referência aos países centrais do capitalismo.

Nesse sentido, a ideia midiática e de senso comum da globalização homogeneizadora cai por terra e mostra um viés fragmentador do espaço mundial promovido pelo sistema capitalista, como aponta Rogério Haesbaert e Ester Limonad:

A controvérsia entre globalização e fragmentação estabelece-se ao se observar que, ao lado destes processos dominantes de expansão e aprofundamento do capitalismo, que na década de 1990 incorporam ao seu domínio os antigos países socialistas, começam a surgir mobilizações em torno de propostas de contra-globalização. [...] conduzem a um processo de fragmentação que se manifesta na forma de exclusão, reforço de desigualdades etc e constituem, assim, o polo oposto aos processos hegemônicos pretensamente homogeneizadores. (HAESBAERT E LIMONAD, 2007, p. 41)

Diante do contexto apresentado, a migração segue as conjunturas político-econômicas do mundo. Entretanto, o nosso destaque nessa pesquisa é a mobilidade do trabalho para mais a frente discutir este processo no recorte proposto. E, neste caminho, tendo em vista que as tais

conjunturas político-econômicas são dadas através do sistema capitalista, Gaudemar (1977) determina que diante deste cenário, a migração atrelada a mobilidade do trabalho acontece de maneira forçada, uma vez que:

[...]os homens submetem o seu comportamento às exigências do crescimento capitalista” e “o discurso econômico serve de verniz para demonstrar, quer a inevitabilidade do fenômeno, quer a existência de vantagens individuais ou coletivas[...]. (GAUDEMAR, 1977, p.17)

Na trama da geopolítica mundial e crise do sistema, o Brasil, como integrador da dinâmica dos países em crise, tem os Estados Unidos como um destino de seus fluxos. Brasileiros, a procura de superação da crise que se instaurava no país a partir de 2015, buscam na mobilidade em direção aos oásis saídas, muitas vezes embebidos pela propaganda midiática capitalista de que nesses centros mundiais é possível alcançar uma vida melhor.

Diante disso, é preciso pensar nas razões e estopins para essas migrações. Há um histórico de perpetuação de um quadro que data desde as crises econômicas brasileiras dos anos 80 como reflete uma piada comum, em tradução livre, apontada por Margolis (1994, p.4) “*há uma saída fácil para a crise econômica e social do Brasil, o aeroporto*”.

Logo, é visível que a crise econômica que se reflete na esfera política, apesar de parecer recente, é uma justificativa de longa data. Então, pensando neste sentido, questionou-se a data de migração dos entrevistados, obtendo-se que 42,6% dos brasileiros migraram para os EUA após 2016, período este que coincide com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. 30,6% migraram entre 2010 e 2015 – durante o governo da mesma -, 18,4% entre 2001 e 2010 – durante o governo do presidente Lula – e antes de 2000, apenas 8,2%. Para melhor comparação, em 2008, ano de crise durante o governo Lula, o Ministério das Relações Exteriores estimou 1.240.000 brasileiros vivendo nos EUA. Em 2011, ano do primeiro mandato de Dilma, 1.388.000 brasileiros, enquanto no ano de seu impeachment, em 2016, foram contabilizados 1.467.000.

No segundo mandato de Dilma Rousseff, foi possível perceber que as principais dinâmicas de governabilidade, como alianças com o grande capital de um lado, e as políticas econômica sociais postas em prática com as camadas populares de outro, (desempenhadas desde os governos de Lula) não se faziam possíveis de serem conduzidas, principalmente diante da crise

mundial vigente. Ricardo Antunes aponta os principais fatores de explosão da crise no então governo:

1) ampliação da crise econômica internacional e seus efeitos no Brasil; 2) vitória difícil nas eleições onde o candidato de centro-direita fortaleceu-se, ampliando seus votos até mesmo em bases tradicionais do PT; 3) ampliação da crise política decorrente das denúncias de corrupção envolvendo parte da cúpula política do PT o que levou José Dirceu e João Vaccari ao cárcere em 2015; 4) descontrole político e desestabilização do arco de alianças que davam sustentação ao governo Dilma; 5) descontentamento, revolta e rebelião popular contra as medidas de “ajuste fiscal” que penalizam os trabalhadores; 6) repercussões da crise política no PT e em sua relação por vezes tensa com o governo Dilma, além de fissuras crescentes também nas relações entre Lula e Dilma, criador e criatura. (ANTUNES, 2015, p.18)

Assim, traz-se um destaque importante para o papel das mídias - essas ligadas à burguesia nacional e ao capital financeiro - na construção de um cenário de caos para que, a partir deste instaurado, pudesse propagar sua ideologia. Esta manobra foi capaz de carregar consigo as camadas médias conservadoras, que foram as ruas com ideais da direita neofascista contra os governos petistas, dito de esquerda. Outro ponto, também citado por Antunes (2015), foi a dissolução do mito do “*pais da classe média*” que o governo se auto adjectivou, mas não foram capazes de manter esse ideal.

Desta forma, as camadas médias tradicionais, embebidas pela ideologia dominante, percebendo a crise os alcançando, se encontraram descontentes com o governo. Assim, uma maneira encontrada para a superação da crise por essa classe foi a mobilidade do trabalho, carregando consigo a face da classe média brasileira - conduzindo a mudança do perfil migratório nacional, estes buscaram e buscam nos oásis de produtividade uma saída para a crise.

Na pesquisa foi possível avaliar as motivações dos entrevistados, empatando a maior porcentagem entre razões acadêmicas e econômicas (28,5% cada), seguido de familiares (26,4%), outros (8%) e culturais (6,1%). Esses dados evidenciam tanto a recorrência das crises econômicas como motivadora, quanto a importância do crescimento dos polos acadêmicos como atrativos conforme abordado.

Outro ponto a ser colocado no que se refere às motivações para migrar é o das diferenças socioeconômicas entre os países que implicam em modelos de atração e repulsão seriam somados aos mecanismos de mercado. Assim, o aumento da demanda por trabalhadores e melhor

remuneração de países centrais atrairiam populações interessadas econômica e culturalmente em países periféricos. No entanto, a teoria da atração e repulsão pode mostrar-se de certo determinismo econômico, além de se concentrar em processos migratórios sem obstáculos legais e políticos, e, conseqüentemente, sem as redes migratórias que passam por cima destes últimos. Sendo assim, é também preciso pensar na importância do capital social, enquanto “conjunto de recursos reais ou potenciais ligados à posse de (ou pertencimento a) uma rede estável de relações institucionalizadas de reconhecimento mútuo” (BOURDIEU, 1980 apud FUSCO, 2005), e da própria rede social, como um canal de circulação para esses recursos, para compreender a sustentação de muitos dos processos migratórios.

Além disso, uma das falas predominantes no que se refere à principal motivação de migração está o desejo de uma vida melhor. No entanto, muitas vezes essa vida melhor se materializa no desejo de inserção no “mundo do consumo e no tipo de cidadania que esse mundo oferece” (ASSIS, 2011). Inclusive, uma resposta obtida durante a aplicação das entrevistas pela entrevistada J. foi a afirmação de que esta não retornaria ao Brasil pois “não há como o Brasil me proporcionar o estilo de vida com acesso a tudo sem preocupações desnecessárias”, sendo esse acesso justamente ao consumo.

O reconhecimento salarial de seu trabalho superior nos Estados Unidos implica somente à possibilidade de maior acesso a bens de consumo que no Brasil, onde estes são difíceis de serem adquiridos; “cidadania do consumo” esta que abre portas às compras, mas nada além disso, uma vez que seus trabalhos dificilmente tem garantias e direitos sociais, sendo assim “cidadãos pela metade”. Isto ficou explícito na pesquisa à medida que dos migrantes empregados, 59% disseram possuir algum tipo assistência em caso de desemprego e 41% não possuem. O tipo de assistência não foi especificado, sendo assim, não necessariamente ela parte de uma instituição específica de assistência ao desemprego, podendo partir de fundos próprios ou da rede. Logo, fica evidente que as garantias sociais de trabalho não estão presentes em suas vidas enquanto uma constante proporcional ao grupo.

4 UMA INTRODUÇÃO AO PERFIL DOS MIGRANTES BRASILEIROS ENTREVISTADOS NOS ESTADOS UNIDOS

Vistas todas as motivações para o processo de migração abordadas é possível então pensar que os fluxos migratórios são ampliados conforme as redes migratórias se expandem, instituições apoiadoras do movimento transnacional se desenvolvem e o significado social do trabalho muda

nas sociedades de destino segundo Massey (1998 apud FUSCO, 2005). Assim, percebe-se que a migração é marcada por um número reduzido de pontos de saída proporcionalmente, ligados a pontos de chegada igualmente específicos no país de destino como se pode observar na Figura 1. Estes pontos funcionam de forma sistemática, uma vez que re-organizações econômicas influenciam todo o sistema-mundo e provocam a mobilidade do trabalho.

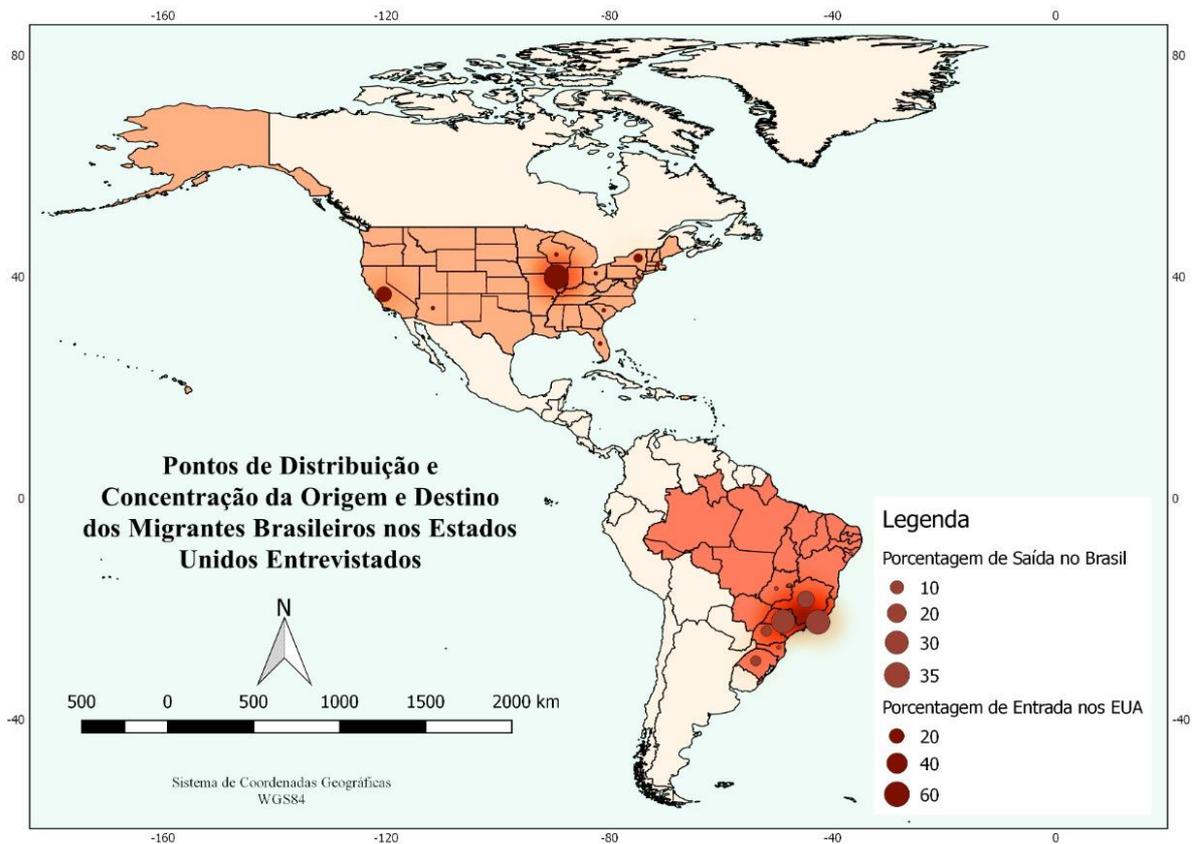


Figura 1 Mapa dos Pontos de Distribuição e Concentração da Origem e Destino dos Migrantes Brasileiros nos EUA Entrevistados
Elaboração: Autor, 2019.

Neste mapeamento é possível identificar os pontos de concentração dos migrantes pelas manchas do mapa de calor e a proporção percentual da distribuição através dos pontos. Assim, fica evidente que a maioria dos entrevistados se estabeleceu em Illinois e na Califórnia, sendo provenientes principalmente do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Os destinos se mostram diferenciados das estatísticas gerais, o que se dá devido ao predomínio de usuários residentes nestes Estados nos grupos onde os formulários foram vinculados. No entanto, as origens predominantes se mostram próximas da realidade estatística geral, tornando claro mais uma vez a predominância do eixo Centro-Sul no Brasil.

Dentre os motivos para escolher o estado de destino estão o trabalho - para si ou para familiar -, pela universidade, pela origem de familiar norte-americano, pelo clima, pela rede, afetividades com o lugar. Além disso, muitos migrantes procuram apoio em associações de brasileiros nos Estados Unidos e se utilizam das redes sociais para conhecer melhor o Estado para que se mudaram ou pretendem se mudar, solicitando informações jurídicas, valor de moradias, recomendações de escolas e custos de vida em geral. Sendo assim, vê-se que por mais que o migrante não possua uma rede migratória direta estabelecida em seu destino, ele pode vir a formá-la também através das redes sociais enquanto instrumentos técnico-informacionais.

Aprofundando um pouco mais o perfil destes entrevistados foi possível averiguar a maioria se encontrava entre os 31 e 40 anos no momento da pesquisa (32,5%), seguidos de até 30 anos (32%), entre 41 e 50 anos (26,5%) e acima de 50 anos (8,1%). Num recorte de gênero, dos entrevistados que se identificaram, 71,4% era composto por mulheres e 28,6% por homens. Quanto à identificação racial, 79,6% dos migrantes brasileiros entrevistados se definiram como brancos, 18,4% como pardos e 2% como pretos. Já escolaridade predomina no geral dos migrantes para os EUA em 36,7% com Ensino Superior Completo, 30,6% com pós-graduação, 24,5% ensino superior incompleto e 8,2% com ensino médio. Sendo assim, percebe-se que o grupo é composto por pessoas em idade produtiva com alta qualificação. No entanto, como será evidenciado em breve no presente texto, estas tendem a ocupar funções aquém de sua formação.

Quanto à auto-percepção de qualidade de vida, 46,9% se sente bem nos EUA, seguidos de excelente (40,8%), regular (10,2%) e mal (2%). Isto provavelmente foi causado pelas relações de expectativa e realidade do migrante, considerando 36,7% que houve quebra de expectativa por ser melhor que imaginava, 30,6% não criaram expectativa em relação ao que encontrariam, 18,4% consideraram pior que imaginavam e 14,3% consideraram exatamente como imaginavam. Alguns entrevistados relataram o motivo de sua quebra de expectativa sob óticas positivas e outros sob negativas. Em relação à primeira, referiram-se aos norte-americanos mais abertos e maior retorno financeiro do que imaginavam. Porém, o grupo que obteve uma quebra de expectativa negativa alegou considerar os norte-americanos mais individualistas e preconceituosos do que esperavam. Além disso, indicaram menos empregos e custo de vida mais altos do que em suas expectativas, reclamando ainda da falta de serviços públicos gratuitos de saúde e educação, como exemplifica o relato:

Principalmente em relação a Educação americana. Eu sempre imaginava que a grande maioria era extremamente inteligente e todos tinham acesso a um estudo superior. Nunca imaginei o custo envolvido.

A partir disto, avaliou-se a mobilidade de retorno. Neste ponto abordado na pesquisa 61,2% dos entrevistados não veem possibilidade de retorno, respondendo com afirmativas apenas 22,4% e incertos com 16,3%. Quando questionados em relação às suas respostas negativas, alguma justificativas chamaram atenção, dentre elas:

Inicialmente era a falta de expectativa de emprego para meu marido, mas acrescento a isso os retrocessos sociais que o Brasil vem sofrendo nesse novo governo. Acredito que aqui exista uma melhor estrutura para eu criar minha filha, melhores oportunidades culturais e sociais.

(Relato de C.)

Os únicos motivos que me liga ao Brasil é a saudade da família. Agora Brasil não vale nada. País cheio de criminosos de todas as espécies.

(Relato de R.)

Apesar de neste último relato haver uma generalização negativa em relação aos brasileiros, abre-se uma exceção para sua família. Além disso, sua rede nos Estados Unidos também abrange outros brasileiros com os quais se identifica, por, assim como ele, terem passado por um processo migratório em busca de melhores condições de vida, o que inclui também menores índices de criminalidade.

Segundo os migrantes brasileiros entrevistados, só cogitariam retorno ao Brasil se houvesse questões familiares para resolver em seu país (44,9%), melhoria econômica (40,8%) e política (36,7%), questões individuais (18%), melhorias na segurança nacional (4%) ou outros motivos (2%).

Retomando a questão da percepção dos norte-americanos, 51% dos brasileiros os enxergam positivamente, 42,9% de forma neutra e 6,1% negativamente. No sentido inverso, esses migrantes percebem que os norte-americanos lhes enxergam em sua maioria positivamente (46,9%), seguidos de forma neutra (40,8%) e negativamente (12,2%). É importante frisar que esta é uma percepção dos entrevistados, não sendo necessariamente como os norte-americanos lhes veem, de fato. Além disso, o migrante que trabalha 12 horas por dia visando maior retorno financeiro tem uma convivência com norte-americanos bastante restrita, enquanto estes últimos entendem os migrantes como mal necessário para realizar os trabalhos não desejados pelos

naturais. Ou seja, o migrante é suportável – um olhar positivo mínimo - enquanto limitado à sua esfera de trabalho.

Os migrantes brasileiros entrevistados também informaram sobre situações constrangedoras vivenciadas nos EUA. Houve relatos sobre a frieza dos norte-americanos em suas relações interpessoais com os brasileiros; uma valorização exclusiva do migrante "*self made man*", ou seja, o caso raro do migrante que abre sua empresa e se torna bem sucedido segundo os parâmetros norte-americanos, gerando empregos valorizados pelos mesmos e gerando riqueza para o país; e as problemáticas derivadas de questões políticas atuais, com a valorização de uma postura conservadora que resultano aumento de preconceitos para com os migrantes.

No entanto, alguns brasileiros possuem experiências mais positivas, trazendo relatos dos norte-americanos como muito educados, valorizando especialmente os estudantes. Destaca-se então a seguinte fala:

Fiz amizade com muitas pessoas aqui, e todas elas sempre são muito interessadas em aprender sobre minha cultura, meu idioma e minha história. As mães das amigas de minha filha acham super positivo que suas filhas convivam com alguém de Back ground diferente. Mas é claro que não podemos falar que todos os americanos são assim, falo da pequena bolha onde vivo.

É importante trazer à tona que, apesar de ter sido bem inserida socialmente, é possível entender através da metáfora da "pequena bolha" que se compreende que não é uma situação homogênea para os migrantes brasileiros nos EUA. Traz-se à tona mais uma vez a importância da rede, uma vez que a matrícula dos filhos desses migrantes em escolas com mais brasileiros facilita a convivência e o respeito com norte-americanos.

Em momentos posteriores do presente texto, esse perfil será aprofundado em questões de trabalho e uso e ocupação do espaço urbano.

5 MOBILIDADE DO TRABALHO

A migração neste sentido depende do mercado de trabalho de destino dos trabalhadores e das políticas de imigração dos Estados Unidos, sendo o tipo de emprego disponível para brasileiros dependente das mudanças estruturais econômicas do estado a que se refere a migração e do status legal do migrante (MARGOLIS, 1994).

Dos migrantes entrevistados, 88,9% afirmaram estar com a documentação legalizada e apenas 11,1% disse estar ilegal. Apesar de a pesquisa não solicitar a identificação do entrevistado, é de

se imaginar que muitos podem não ter respondido fidedignamente à questão da legalidade, mas este dado permite fazer uma análise introdutória e comparativa às suas outras respostas.

Esses nichos ocupacionais permitem que o brasileiro ganhe espaço, proporcionando esta segmentação de mercado de trabalho um estímulo aos processos migratórios, ainda que não seja em um setor valorizado pelos norte-americanos, segundo Fusco (2005). Isto se dá, pois, informações seguras sobre trabalho é um dos passos da superação do desafio de se conseguir um emprego.

Dos entrevistados, 75,5% estão empregados, demonstrando que a maioria superou o desafio anteriormente citado. Destes, 35,9% conseguiram seu emprego através de conhecidos, 25,6% por meio de anúncios e classificados, 15,4% por entrega de currículos, 7,7% pela internet, 5,1% com ajuda de associações, 10,3% por outros meios. Mais uma vez, evidencia-se a importância da rede migratória como uma garantia de informações confiáveis para conseguir emprego, assim como para troca de favores e também no papel de empregadores.

Em seus relatos sobre suas primeiras experiências empregatícias no território norte-americano, os mais comuns foram de que o primeiro emprego é o mais difícil de conseguir, sendo depois mais acessível inclusive para se trabalhar na própria área, valorizando-se inclusive que se continue estudando dependendo do segmento profissional.

A maioria dos entrevistados migrantes brasileiros nos Estados Unidos (43,7%) trabalha com prestação de serviços, quadro que ainda se prolonga desde os anos 80, o que inclui os cargos de empregada/o doméstica/o, construção civil, garçons e garçonetes e babás, por exemplo. 18% estão no segmento de administração e empresariado, 15,4% no de escritório ou vendas, 10,3% em ciência, educação e tecnologia, 5,1% em artes e indústria respectivamente, e 2,6% em transporte e logística.

Desses brasileiros empregados, 77,5% está no setor formal e 22,5% no informal. Ainda neste sentido, 81% dizem saber como agir a irregularidades empregatícias, enquanto 19% não sabem. Em relação à abuso físico e psicológico, 90,5% dizem saber reagir a esse tipo de reações, com uma minoria de 9,5% que diz não saber. É importante notar que antes de reagir, é preciso perceber esses abusos, ou seja, são duas etapas complementares onde, por mais que se saiba reagir, não necessariamente se percebe tão facilmente para tal.

Quanto aos dias de semana trabalhados, a maioria demonstra regularidade de cinco a seis dias por semana (79,5%), empatando logo depois de um a quatro dias por semana e indeterminado – com flexibilidade de trabalho – (3,3% cada) e uma minoria que trabalha todos os dias da semana

(2,2%). Além disso, 61% trabalha de 6 a 9 horas por dia, que é a média esperada uma vez que o trabalho integral começa a partir das 8 horas diárias. No entanto, é possível que alguma parcela destes trabalhe 7 ou 6 horas e receba salários inferiores, pois não se referem à empregos integrais, quando não autônomos. 17,1% trabalham de 3 a 5 horas, sendo esta parcela provavelmente a dos autônomos e de empregos de tempo parcial. 14,6% trabalham de 10 a 15 horas e 7,3% trabalham mais que 15 horas por dia. Estas duas últimas parcelas trazem à tona a necessidade do migrante de trabalho duro para juntar dinheiro. Neste sentido, sua qualidade de vida é prejudicada, mas ainda assim corresponde à sua ideia de vida melhor, uma vez que mais tempo de trabalho rende mais dinheiro e mais acesso à cidadania do consumo, como citado anteriormente.

Mesmo assim, 67,5% dos migrantes se disseram satisfeito com trabalho e salário, 20% satisfeitos apenas com o trabalho 20%, revelando que às vezes o custo de vida alto não deixa espaço para excedentes, 7,5% satisfeito apenas com o salário, trazendo à tona uma minoria que não trabalha no que esperava ou não tem os direitos civis ou relações de trabalho que esperavam para sua satisfação pessoal, e uma minoria de 5% insatisfeita com o trabalho e o salário. A partir disso, em relação a este último, a maioria dos entrevistados recebe entre U\$21 e U\$35/h (45%), seguidos de entre U\$36 e U\$50/h (22,5%), entre U\$16 e U\$20/h (15%), inferior a U\$15/h (10%) e acima de U\$50/h (7,5%). Considerando o dólar a R\$4, baseado no mês de maio de 2019, se considerarmos um migrante que trabalhe 8 horas por dia, 5 dias por semana, 4 semanas por mês, mesmo recebendo, como a minoria, U\$15/h, este trabalhador recebe R\$9600, o que é muito superior a um salário mínimo brasileiro. É preciso considerar, no entanto, que o custo de vida nas metrópoles que atraem esses migrantes é bastante caro, chegando a U\$8000, havendo assim a necessidade de grandes cargas horárias para que sobre uma quantia considerável para maior acesso ao consumo que em seu país de origem.

Quanto à língua enquanto um empecilho para busca de emprego, 69,8% dos migrantes brasileiros não consideraram ter dificuldade com a língua, demonstrando que a maioria destes já viaja sabendo um mínimo de inglês ou possuíam alguém para intermediar a contratação, uma vez que para os serviços mais pesados não é preciso o domínio do idioma. 2,3% não têm certeza se isso influenciou de fato, e outros 27,9% consideraram uma dificuldade, uma parcela considerável, indicando inclusive um dos entrevistados que o sotaque é algo considerado no momento de decisão de contratação dependendo do segmento, posto que os cargos com maior qualificação e de atendimento ao público demandam fluência.

Pensando as relações empregatícias, 69,2% têm relações amigáveis com o patrão, 12,8% têm uma relação neutra, 10,3% são autônomos, 5,1% não conhecem o próprio patrão e 2,6% têm uma relação desagradável com o mesmo. É importante ressaltar que boa parte dos migrantes não tem contato direto com o patrão, mas com agentes que realizam contratos, podendo ocorrer certo equívoco na diferenciação dos dois.

Destaca-se que o migrante entrevistado representa uma parcela que se encontra empregada e recebendo salários considerados satisfatórios – fato este que não representa o universo dos migrantes brasileiros nos EUA, mas que para fins deste trabalho, com seu recorte territorial e temporal delimitado, podem trazer análises de um grupo que conseguiu melhores oportunidades.

6 O MIGRANTE ENQUANTO AGENTE DA PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DO ESPAÇO

Antes de ser iniciada a discussão, conceituemos produção e reprodução do espaço. De acordo com a visão lefebvriana, o espaço é uma produção social que, ao mesmo tempo, intervém na estrutura da sociedade na organização do trabalho, das redes, fluxos de circulação, sendo o lócus do consumo e da produção, ou seja, é um produto dialeticamente produtor. Além disso, por meio do cotidiano, a produção do espaço serve à reprodução social dos modos de vida (ALVARENGA, SANTANA, 2015). Assim, compreende-se deste olhar que o capitalismo depende da espacialidade para sua sobrevivência e expansão, mas também os grupos sociais num sentido de resistência à sua supressão pelo sistema. O migrante, então, insere-se como um ator da produção e reprodução do espaço.

Uma das formas de reprodução social do espaço é a ocupação do mesmo através de seus usos. Segundo as respostas concedidas aos questionários elaborados, os espaços ocupados e utilizados pelos migrantes são majoritariamente ao ar livre, correspondendo a 26,5% das respostas. Estes ambientes incluem praças e parques públicos, o que pode ser explicado tanto por preferências pessoais quanto por facilidade de acesso. Em seguida vem a residência de amigos e familiares (22,4%), enquanto um espaço de fortalecimento de laços da rede. Em sequência, ambientes culturais como cinemas e museus (16,3%), ambientes gastronômicos (14,3%), ambientes comerciais (10,2%) e outros (10%).

Pensando em termos de rede enquanto fortalecida nesses espaços de uso e ocupação em momentos fora do ambiente de trabalho, 26,4% frequenta esses espaços com familiares, 23% com amigos e conhecidos do trabalho, 14,3% sozinhos, 11% com amigos e conhecidos de

ambientes acadêmicos, 9,9% com amigos de antes de migrar, 5,5% com amigos e conhecidos de associações e outras companhias, respectivamente, e 4,4% com vizinhos. Mais uma vez, evidencia-se a importância da rede familiar enquanto uma primeira instância. Além disso, destaca-se para a importância do reforço dos laços em ambientes além do espaço do trabalho enquanto manutenção da qualidade de vida e acesso e uso dos espaços juntamente às redes sociais enquanto um momento de visibilidade para o migrante.

Outra abordagem importante para compreender as dinâmicas do espaço urbano é a mobilidade do trabalho interna. 48,7% dos entrevistados empregados gastam até 30 minutos no seu deslocamento, seguidos de 25,7% com respostas incertas – ou seja, não especificaram em minutos, ou simplesmente não possuem uma rotina exata de deslocamento para trabalho -, 12,8% se deslocam de 30 minutos a 1 hora, 10,3% não se deslocam por trabalhar em casa e 2,5% demoram mais de 1 hora. Desses deslocamentos, dentre os entrevistados que revelaram seu modo de transporte, houve uma certa proporcionalidade entre os que utilizam transporte público – ônibus, trem e metrô – e os que vão de carro, havendo ainda uma minoria que vai caminhando. Dentre os relatos se destacaram polaridades, que incluem desde os que trabalham em mais de uma cidade por dia e os incertos da cidade para trabalho devido à dependência da demanda, aos que possuem até mesmo duas casas, sendo uma delas mais próxima ao local do trabalho. Apesar da relativa dicotomia, a mobilidade urbana nos EUA se mostra muito palpável se comparada com a e metrópoles brasileiras como Rio de Janeiro e São Paulo, que não dispõem de transporte público acessível, rápido e funcional para abranger todas as áreas da cidade e seu entorno.

Quanto à segurança urbana, a maioria a classifica como excelente (51%), seguidos de bom (44,9%) e regular (2%), não havendo entrevistados que classificassem como ruim ou péssimo. Sendo assim, 98% desses se sentem seguros, e apenas 2% não se sentem. Além disso, 93,9% não sofreu com violência urbana no território norte-americano, e somente 6,1% sofreram. Dentre os relatos, destaca-se:

Como em qualquer outro grande centro urbano, muita diferença de classe que leva a focos de violência concentrados em determinadas regiões. Evitando tais áreas, me sinto tranquila e segura.

Na maioria dos casos relatados, ou as pessoas não ficam cientes de situações de violência urbana, ou consideram muito menor ao se comparar com o Brasil por serem concentradas em áreas periféricas que não frequentam.

Um ponto a ser considerado é o colocado por Margolis (1994), que alega que os brasileiros são confundidos frequentemente com grupos hispânicos pelos norte-americanos, que associam o português somente a Portugal e não conhecem as distinções lingüísticas e culturais com os demais países latinos de língua espanhola. Outra possibilidade é o estabelecimento desses brasileiros em regiões já marcadas por populações de migrantes latinos falantes nativos de espanhol.

Em relação à percepção e autopercepção brasileira sobre esta identidade latina, as entrevistas permitiram alcançar os seguintes resultados: a maioria dos brasileiros migrantes nos Estados Unidos se sente neutro em relação aos migrantes latinos (36,7%), outros 34,7% enxergam os latinos positivamente, mas não se sentem latinos. Apenas 16,3% se sentem latinos e enxergam positivamente, seguidos de 10,2% que se enxergam latinos e veem negativamente este grupo apesar de se considerar parte dele de certa forma, e 2% que não se veem latinos e os veem negativamente. Um relato interessante nesse sentido foi o de uma migrante que disse que *“foi estranho descobrir que eu não era ‘branca’ e sim latina”* que demonstra a diferenciação entre a auto-percepção. Outra fala que evidencia bastante o que é ser o “Outro” foi:

Nunca seremos como “eles”, pra sempre serei uma latina, não importa o quão bem sucedida esteja aqui.

Repare que mesmo sendo distanciada dos norte-americanos no sentido de alteridade, a migrante também se afasta dos latinos à medida em que reproduz a atribuição de uma medida de valor ao “ser latina” em oposição ao “ser bem sucedida”, demonstrando que há uma oposição entre essas duas posições, não havendo sobreposição. Um ponto negativo desse afastamento é que muitas das reivindicações dos grupos latinos são similares, mas pela falta de identificação acaba resultando em desarticulação. Uma possibilidade de aproximação poderia resultar em uma maior comunicação entre as associações dos diferentes países, por exemplo.

Apesar de serem desarticulados dos grupos latinos, os brasileiros não possuíam uma tradição étnica até alguns anos atrás. Pensando na consolidação desta em determinadas áreas dos Estados Unidos, Fusco aponta que:

Nem todos os imigrantes formam enclaves étnicos, visto que são necessárias circunstâncias especiais de concentração geográfica e seletividade da população migrante (Logan ET AL, 1994). No entanto, algumas comunidades brasileiras nos Estado Unidos já comportam uma pequena elite empresarial que empregam os conterrâneos. Com o passar do tempo, é possível que a população imigrante amplie a demanda por produtos culturais ou serviços étnicos, o que favorece ainda mais

essamesma população na obtenção de empregos no interior das comunidades. (FUSCO, 2005, p.19)

Neste contexto, vê-se que o pertencimento do indivíduo a este grupo de brasileiros permite não apenas o compartilhamento de representações, linguagem, nacionalidade por meio de laços simbólicos, de reprodução social, mas também da mobilização de recursos materiais a partir da construção de espaços físicos e da geração de empregos voltados para esse público por meio da produção do espaço.

É interessante trazer à tona que a produção do espaço não se dá apenas no território de destino, mas também no de origem como exemplifica ASSIS (2011) através da cidade de Criciúma em Santa Catarina. Esse caso é marcado devido às empresas de construção civil que movimentam o mercado imobiliário, contribuindo para a verticalização da cidade, construindo casas e prédios em estilo americano para os migrantes que retornariam para realizar o objetivo da casa própria pós-realização financeira nos EUA. Além disto, também trabalharam com sua internacionalização, a partir da criação de filiais em Boston para vender imóveis para esses migrantes também no território norte-americano.

Desta forma, fica evidente que há uma territorialização a partir da produção de espaços físicos, como associações e estabelecimentos comerciais voltados para a cultura brasileira, aumentando não apenas o mercado para esses migrantes, como também a possibilidade de uma reprodução espacial igualmente voltada para os mesmos. Assim, permite-se o reforço de laços, afirmação da identidade, ampliação da rede migratória, além do aumento da visibilidade deste grupo e suas demandas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comparação dos dados levantados com os estudos bibliográficos demonstra uma tendência de perfil dos migrantes brasileiros semelhante aos demais em muitos aspectos, mas distinto em outros. As possíveis explicações para essas diferenças estão no meio de vinculação da pesquisa, que se restringe a um público com tempo de acesso à internet e ao tamanho e tipo do universo de amostragem que se mostrou concentrado geograficamente devido ao recorte realizado.

Num sentido confirmador de hipóteses teóricas, o fluxo da classe média para os EUA, a partir de 2016 foi capaz de modificar o perfil, ou, pelo menos, ser prelúdio desta transição no que tange a classe social e qualificação profissional, contudo, os apontamentos de estudos anteriores que

nos mostram as características do migrante brasileiro nos EUA, como mão de obra precarizada e baixa remuneração, ainda fazem parte dessa realidade.

Verificou-se um grupo de migrantes bem territorializados com uma rede bem formada e baseada na família, apesar de haverem indivíduos que arriscam-se mesmo sozinhos. Alguns deles, vivem em cidades que mais registram violência urbana nos Estados Unidos e mesmo assim sentem-se mais seguros que no Brasil. Há também uma disparidade educacional, sendo 90% os que entraram no Ensino Superior, considerando nesta estatística os pós-graduados, graduados e mesmo os que não completaram, o que traz um paralelo desproporcional com o perfil dos brasileiros como um todo que somam apenas 14%. Isto evidencia que em sua maioria os que mais tem acesso à educação no Brasil são os que mais tem possibilidade de sair do mesmo em busca do que chamam de vida melhor. Sendo assim, apesar de tudo, estes migrantes sentem que atingiram seus objetivos de migração, se estabelecendo e adaptando bem em seus novos espaços, percebendo então que, enfim, melhoraram de vida.

8 REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Manuela Mendonça de; SANTANA, Simão Bossi. O Conceito de Produção do Espaço no Pensamento Geográfico. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 15., Havana, 2015. **Anais do XV Encontro de Geógrafos de América Latina**. Havana: 2015. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Teoriaymetodo/Pensamientogeografico/04.pdf>. Acesso em: 24 de junho de 2019.

ANTUNES, R. Fenomenologia da Crise Brasileira. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 35, 2015, p. 9-26.

FUSCO, W. **Capital Cordial**: A Reciprocidade entre os Imigrantes Brasileiros nos Estados Unidos. Tese (Doutorado em Demografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ASSIS, G. O. De Criciúma para o Mundo: o Ir e Vir dos novos Emigrantes Brasileiros entre os EUA, o Brasil e a Europa e os Impactos na Vida Cotidiana da Cidade. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., São Paulo, 2011. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo: USP, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300884424_ARQUIVO_Anpuh2011GlauciaOAssisSimposio83.pdf. Acesso em: 7 de Novembro de 2018.

GAUDEMAR, J. **Mobilidade Do Trabalho e a Acumulação do Capital**. Tradução de Maria do Rosário Quintela. Lisboa; Estampa, 1977. 407p.

HAESBAERT, R. Os dilemas da globalização - Fragmentação. In: HAESBAERT, R. (Org). **Globalização e Fragmentação no Mundo Contemporâneo**. Niterói: EdUff, 1998. p. 11-53.

HAESBAERT, R; LIMONAD, E. O território em tempo de globalização. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais e Aplicadas**, Rio de Janeiro, v.1, n.2 (4), 2007, p. 39-52.



HAESBAERT, R.; PORTO-GONÇALVES, C. W. A Nova Ordem Mundial. In: HAESBAERT, R.; PORTO-GONÇALVES, C. W. (Org.) **A Nova Des-ordem Mundial**. São Paulo: EDUNESP, 2006. p. 31-50.

KURZ, R. Barbárie, Migração e Guerras de Ordenamento Mundial. In: FÓRUM SOCIAL DAS MIGRAÇÕES, 1., 2005, Porto Alegre. **Anais do Fórum Nacional de Migrações**. Porto Alegre: Serviço Pastoral dos Migrantes, 1990. p. 25-36.

MARGOLIS, M. L. **Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City**. Princeton: Princeton University Press, 1994. 329p.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Brasileiros Pelo Mundo** – Estimativas Populacionais das Comunidades. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br>>, acesso: 06 jul. 2019.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional**. 5. ed. São Paulo: UDESP, 2013. 176p.